

ENTRE A BAIXA - CHIADO (LISBOA) E A RUA DO OUVIDOR (RIO DE JANEIRO): PATRIMÓNIOS TAMBÉM LITERÁRIOS**ENTRE BAIXA - CHIADO (LISBOA) Y RUA DO OUVIDOR (RIO DE JANEIRO): PATRIMONIOS TAMBIÉN LITERARIOS****ENTRE LES QUARTIERS BAIXA - CHIADO (LISBONNE) ET LA RUA DU OUVIDOR (RIO DE JANEIRO): DES PATRIMOINES QUI SONT AUSSI LITTÉRAIRES**

Maria Mota Almeida¹

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Lisboa, Portugal

Resumo: Pretendemos com este artigo abordar a importância que os escritores e as respetivas obras detêm para a (re)descoberta e (re)leitura das cidades, por meio da deambulação pelas ruas, facilitando a criação de itinerários literários. A comparação de um trecho da cidade de Lisboa - Baixa, Chiado, Bairro Alto – e um do Rio de Janeiro - Rua do Ouvidor - espelhados, respetivamente, em um conto de Branquinho da Fonseca (1905-1974) e em uma obra de Joaquim Leitão (1875-1956), autores coetâneos, servirá de base para esse nosso passeio. Com efeito, o conto “A Tragédia de D. Ramón” (1938), inserido na coletânea *Caminhos Magnéticos* e o livro *Do Civismo e da Arte no Brasil* (1900), permitem-nos, ao deambular pelas ruas das ditas cidades, compreender o potencial das mesmas enquanto espaço de sociabilidade, de vivências e de afetos. Potencial esse subordinado às dinâmicas culturais e sociais que lhe estão inerentes, numa determinada época, filtradas pelo olhar do escritor que é também um *flâneur* (Walter Benjamin, 1994), um observador, um leitor minucioso da cidade através do registo polifónico da vivência da(s) rua(s). Nessa intersecção entre literatura e turismo pretendemos fomentar o gosto de viajar acompanhado pelos escritores e dar a conhecer outros encantos dessas duas ‘cidades maravilhosas’. Em termos metodológicos faremos o levantamento dos patrimónios e dos locais que compõem a obra e que irão permitir, mediante a metodologia de análise de conteúdo (Bardin) , uma leitura do espaço urbano. Proporemos um itinerário que sirva de motivação para uma visita em que se pretende conhecer os escritores, resgatar a memória e contribuir para um turismo diferenciado apostado na personalização. Ao adaptar para o cinema o conto de Branquinho da Fonseca, a “A Tragédia de D. Ramón”, sob o título de *Caminhos Magnéticos* – estreou no Brasil em 2018 e em Portugal, em 2019 – o realizador Edgar Pêra convida dois artistas brasileiros: Ney Matogrosso, para interpretar um ‘espírito’ chamado André, e Helena Ignez.

Palavras-chave: Turismo literário; Itinerários; Identidade cultural; Lisboa; Rio de Janeiro.

Abstract: We intend to discuss the importance that writers and their respective works have over the (re)discovery and (re)reading of the cities, through the streets wandering, easing the creation of literary itineraries. The comparison of an excerpt of Lisbon city –

¹ Professora Adjunta da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE), Lisboa – Portugal. E-mail: mariamotal@gmail.com.

Baixa, Chiado, Bairro Alto – and of Rio de Janeiro – Ouvidor street – mirrored, respectively, in a novel by Branquinho da Fonseca (1905-1974) and in a work by Joaquim Leitão (1875-1956), contemporary authors, will serve as a basis to our tour. Indeed, the novel “A Tragédia de D. Ramón” (1938), inserted in the collection *Caminhos Magnéticos*, and the book *Do Civismo e da Arte no Brasil* (1900), allow us, when walking through the streets from those cities, to understand their potential concerning sociability, living and affections space. This potential is subjected to cultural and social dynamics that are inherent to it, in a specific time, filtered by the writer’s perspective that is also a *flâneur* (Walter Benjamin, 1994), an observer, a thorough reader of the city through the polyphonic record of the street(s) experience. In this intersection between literature and tourism we want to promote the pleasure of travel accompanied by writers and to make known other charms of these two “marvellous cities”. In methodological terms, we will do the heritages and locals survey that make up the work and will allow, through the content analysis methodology (Bardin) the reading of the urban space. We will propose a tour that will serve as motivation for a visit where one will make acquaintance with the writers, rescuing memories and contributing to a differentiated tourism focused on personalization. By adapting to the movies Branquinho da Fonseca’s novel, “A Tragédia de D. Ramón”, under the title *Caminhos Magnéticos*, – debuted in Brasil in 2018 and in Portugal, in 2019 – the director Edgar Pêra invited two Brazilian artists: Ney Matogrosso to interpret a ‘spirit’ called André, and the actress Helena Ignez.

Keywords: Literary tourism; Itineraries; Cultural Identity; Lisbon; Rio de Janeiro.

Resumen: Con este artículo pretendemos abordar la importancia que tienen los escritores y sus respectivas obras para el (re) descubrimiento y (re) lectura de las ciudades, al caminar por las calles, facilitando la creación de itinerarios literarios. La comparación de un tramo de la ciudad de Lisboa - Baixa, Chiado, Bairro Alto - y uno de Río de Janeiro - Rua do Ouvidor - reflejado, respectivamente, en un cuento de Branquinho da Fonseca (1905-1974) y en una obra de Joaquim Leitão (1875-1956), autores contemporáneos, será la base de nuestro recorrido. En efecto, el cuento “A Tragédia de D. Ramón” (1938), inserto en la colección *Caminhos Magnéticos* y el libro *Do Civismo e da Arte no Brasil* (1900), nos permiten, al caminar por las calles de estas ciudades, comprender el potencial de ellos como espacio de sociabilidad, vivencias y afectos. Este potencial está subordinado a las dinámicas culturales y sociales que le son inherentes, en un momento dado, filtrado a través de los ojos del escritor que también es un *flâneur* (Walter Benjamin, 1994), un observador, un lector minucioso de la ciudad a través del registro polifónico de la experiencia de la(s) calle(s). En esta intersección entre literatura y turismo, pretendemos fomentar el gusto por viajar acompañados de escritores y dar a conocer otros encantos de estas dos 'maravillosas ciudades'. En términos metodológicos, realizaremos un relevamiento del patrimonio y lugares que componen la obra y que permitirán, a través de la metodología de análisis de contenido (Bardin), una lectura del espacio urbano. Propondremos un itinerario que sirva de motivación para una visita en la que se pretende conocer a los escritores, rescatar la memoria y contribuir a un turismo diferenciado y enfocado a la personalización. Al adaptar el cuento de Branquinho da Fonseca, “A Tragédia de D. Ramón”, bajo el título *Caminhos Magnéticos*, estrenado en Brasil en 2018 y en Portugal en 2019, el director Edgar Pêra invita a dos artistas brasileños: Ney Matogrosso, para interpretar a un 'espíritu' llamado André, y Helena Ignez.

Palabras clave: Turismo literario; Itinerarios; Identidad cultural; Lisboa; Rio de Janeiro.

Résumé: Nous prétendons aborder l'importance que les écrivains et leurs œuvres ont dans la (re)découverte et la (re)lecture des villes, en marchant dans les rues, en facilitant la création des itinéraires littéraires. Une comparaison d'une partie de Lisbonne – Baixa, Chiado, Bairro Alto – et du Rio de Janeiro – rue du Ouvidor – en miroir respectivement, dans un conte de Branquinho da Fonseca (1905-1974) et dans une œuvre de Joaquim Leitão (1875-1956), auteurs contemporains, servira de base pour notre promenade. En effet, le conte « A Tragédia de D. Ramón » (1938), inséré dans la collection *Caminhos Magnéticos*, et le livre *Do Civismo e da Arte no Brasil* (1900), nous permettent, en errant dans les rues de ces villes, comprendre leur potentiel comme espace de sociabilité, d'expériences et d'affections. Ce potentiel est subordonné aux dynamiques culturelles et sociales inhérentes, dans une époque donnée, filtrées par le regard de l'écrivain qui est aussi un *flâneur* (Walter Benjamin, 1994), un observateur, un lecteur approfondi de la ville à travers du registre polyphonique des expériences de(s) rue(s). Dans cette intersection entre littérature et tourisme nous prétendons favoriser le goût de voyager accompagné des écrivains et faire connaître d'autres charmes de ces deux « cités merveilleuses ». En termes méthodologiques, nous ferons l'enquête des patrimoines et des lieux qui intègrent l'œuvre et qu'iront permettre, à travers la méthodologie d'analyse de contenu (Bardin), une lecture de l'espace urbain. Nous proposerons un itinéraire qui motivera une visite où les écrivains doivent être rencontrés, sauver la mémoire et contribuer à un tourisme différencié pariant sur la personnalisation. En adaptant au cinéma l'histoire de Branquinho da Fonseca, « A Tragédia de D. Ramón », sous le titre *Caminhos Magnéticos* – fait ses débuts au Brésil en 2018 et au Portugal en 2019 – le directeur Edgar Pêra a invité deux artistes brésiliens: Ney Matogrosso, pour jouer un « esprit » appelé André, et l'actrice Helena Ignez.

Mots-clés : Tourisme littéraire ; Itinéraires ; Identité culturelle ; Lisbonne ; Rio de Janeiro.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende abordar a importância que os escritores e as respectivas obras detêm para a (re)descoberta e (re)leitura das cidades, baseado numa leitura comparada, por meio da deambulação pelas ruas, facilitando a criação de itinerários literários.

A comparação de um trecho das cidades de Lisboa (Baixa, Chiado e Bairro Alto) e do Rio de Janeiro (Rua do Ouvidor) espelhadas, respetivamente, num conto de Branquinho da Fonseca (1905-1974) e numa obra de Joaquim Leitão (1875-1956), ambos escritores nascidos em Portugal, servirá de base para este nosso passeio. Com efeito, o conto “A Tragédia de D. Ramón” (1938), inserido na coletânea *Caminhos Magnéticos* e o livro *Do Civismo e da Arte no Brasil* (1900), permitem-nos, ao deambular pelas ruas das ditas cidades, compreender o potencial das mesmas enquanto espaço simbólico de

sociabilidade, de vivências e de afetos. Potencial este subordinado às dinâmicas culturais e sociais que lhes são inerentes, numa determinada época, filtradas pelo olhar do escritor que é também um *flâneur* (Walter Benjamin, 1994), um observador, um leitor minucioso da cidade por meio do registo polifónico da vivência da(s) rua(s). Nesta intersecção entre literatura e turismo, pretendemos fomentar o gosto de viajar acompanhados pelos escritores e dar a conhecer outros encantos dessas duas *idades maravilhosas*. Cidades unidas pelo umbicalismo da História. Lisboa, capital de Portugal e capital do Império, elevou, em 1621, o Rio de Janeiro à capital da colônia portuguesa do Estado do Brasil. Após a independência, manteve-se como Capital do país recém-criado, estatuto que vai manter até 1960, quando a sede do governo foi transferida para a recém-criada Brasília. Lisboa ainda hoje é capital do país europeu.

Em termos metodológicos, faremos o levantamento dos patrimônios e dos locais que compõem as obras e que irão permitir, mediante uma leitura do espaço urbano. Esta categorização irá ser elaborada mediante a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin. Na análise de conteúdo, um instrumento “polimorfo e polifuncional” (Bardin, 1988, p. 9), isto é, um instrumento com formas várias e adaptáveis, com técnicas múltiplas e multiplicadas, que contribui para o “enriquecimento da leitura” (Bardin, 1988, p. 29), seguimos a categorização proposta por esta autora. O material obtido foi tratado a partir da identificação de diversos atributos ou referentes, isto é, a codificação que “corresponde a uma transformação [...] dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto [...]” (BARDIN, 1988, p.103). A organização da codificação compreende três categorias: o recorte – onde definimos as unidades de registo e de contexto, mas somente para as passagens contendo referências às cidades, excluindo-se desta categoria o enredo e as descrições das personagens; a enumeração – contagem frequencial das unidades de registo e a categorização – “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia) com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 1988, p. 117). Categorias estas que nos permitem fazer inferências e estabelecer comparações entre as duas obras, logo, entre as duas cidades, entre os dois espaços da escrita.

O resultado deste trabalho permitiu uma caracterização mais fidedigna das cidades retratadas.

Partindo dos resultados obtidos pela análise de conteúdo proporemos um itinerário que sirva de motivação para uma visita em que se pretende conhecer os escritores, resgatar a memória e contribuir para um turismo diferenciado apostado na personalização.

2. O ESCRITOR COMO ‘ARTISTA OCULISTA’² DA URBE

“A viagem começa numa biblioteca. Ou numa livraria.”

(ONFRAY, 2009, p.27)

Ao começar a viagem numa biblioteca ou livraria somos conquistados por textos de vária ordem: os chamados guias turísticos mais ou menos poéticos, mas com uma componente de indicações práticas sempre presente; a Literatura de Viagens que, não sendo criada necessariamente como um guia, transmite-nos as impressões do autor - viajante; e a literatura que nos faz viajar, apesar de não ter sido escrita com esse objetivo. O conto de Branquinho da Fonseca se insere nesta última definição e o trecho seleccionado de um livro de Joaquim Leitão poderá se enquadrar na tipologia anterior: a Literatura de Viagens. Os textos têm em comum o fato de nos fazerem viajar à primeira metade do séc. XX por cidades estruturantes para ambos os países, por serem capitais, e em locais simbólicos dessas mesmas cidades. Além da descrição de monumentos e curiosidades, ambos se centram nas pessoas, nas suas emoções e na deambulação destas pelos espaços citadinos. Constituem, deste modo, excelentes guias para percorrer as zonas nevrálgicas das cidades aí retratadas, permitindo que o leitor compreenda o *genius loci*, ou ‘espírito do lugar’, as suas particularidades mais íntimas, apropriando-se do espaço como ‘coisa sua’. Viajar, diz-nos o filósofo Onfray, “pressupõe a confusão de todos os sentidos, depois a sua reativação e a sua recapitulação no verbo” (ONFRAY, 2019, p.31). O deleite que se obtém nessas viagens poderá ser reforçado se levarmos na bagagem escritores, poetas, que oferecem nos seus textos “a quinta-essência de sinestésias fantasiosas: sentir cores, saborear perfumes, tocar sons, escutar temperaturas, vislumbrar ruídos” (ONFRAY, 2019, p.31) mas também músicos, pintores, cineastas... qual ‘artistas oculistas’, levar-nos-ão a descobrir novos lugares ou nos possibilitarão uma visão inovadora sobre espaços sempre muito visitados, mas por norma, pouco conhecidos.

² Servimo-nos do conceito de artista oculista usado por Alain Roger (1997) que adotou o conceito proustiano de “*l’artiste oculiste*”, explanado no romance *À la recherche du temps perdu, La Côté de Guermantes*. Nesta obra, o autor explora a analogia entre o trabalho dos oculistas e o dos artistas: o pintor ou o escritor original, à imagem do oculista, levam o seu tempo a tornarem explícitos, aos nossos olhos, objetos que antes não os víamos como tal.

Autores como Almeida (2016, 2018a, 2018b), Almeida e Branquinho (2013, 2018), Almeida e Oliveira (2017), Almeida e Escobar (2018), Baleiro, Quinteiro e Santos (2016), Queiroz e Alves (2012), Queiroz (2012), Quinteiro e Baleiro (2014, 2017), Butler (2000), Hendrix (2014), Herbert (2001), Leitão (2016) têm demonstrado como, na prática, a literatura pode ser uma fonte de atração turística. As obras, quer em prosa quer em verso, podem ser excelentes mediadoras entre a escrita e o território, contribuindo para nos sentirmos mais motivados para (re)iniciar uma viagem que será, seguramente, exclusiva.

3. LISBOA: A BAIXA E O CHIADO NOS ANOS 30 DO SÉC. XX – O OLHAR DO ESCRITOR

3.1 O escritor Branquinho da Fonseca (1905 – 1974) e a sua relação com o Brasil

Nascido nas Laceiras / Mortágua – Portugal - em 1905, António José Branquinho da Fonseca concluiu o curso de Direito em Coimbra. Além disso, ou melhor, acima disso, foi escritor, sendo co-fundador e colaborador das revistas: *Tríptico* (1924-25), juntamente com João Gaspar Simões e Vitorino Nemésio, entre outros; *presença* (1927-30)³, com José Régio e João Gaspar Simões e *Sinal* (1930 – 1984), conjuntamente com Miguel Torga (o médico Adolfo Rocha).

A ligação à escrita o acompanha, enriquecendo o seu longo currículo. Foi autor de peças de teatro, poesia, contos, romances e novelas, que assinava com o pseudónimo de António Madeira, entre 1938 e 1942, tal como outros elementos da *presença*. O nome António Madeira advém da junção do seu primeiro nome com o sobrenome da sua mãe, Clotilde Madeira Branquinho da Fonseca. Foi conservador do Registo Civil e Predial, o que o levou a percorrer o país e inspirou algumas das suas obras literárias. Em Cascais, deixou o Direito em segundo plano e se tornou conservador do museu – Biblioteca Condes de Castro Guimarães, onde criou a primeira Biblioteca Móvel, para que todos tivessem acesso ao livro. Essa experiência muito bem-sucedida o tornou responsável, a convite de Azeredo Perdigão, pela criação das Bibliotecas Itinerantes da Fundação

³ Revista *presença, folha de arte e crítica*, fundada, em Coimbra, por José Régio, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões. A revista defendia uma literatura viva, livre, crítica e criativa, e irá durar até 1940, com mudanças na direção e nos colaboradores, tendo saído 54 números. Muitos colaboradores deixaram a sua marca na *presença*: Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Adolfo Casais Monteiro, Carlos Queiroz, Edmundo de Bettencourt, que lhe deu o nome, José Bacelar, José Marinho, Alberto de Serpa, Mário Saa, Francisco Bugalho, Luís de Montalvor. Investiu, igualmente, na divulgação de novos poetas e prosadores brasileiros - Jorge de Lima, Cecília Meireles, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, José Lins do Rego -, num empenho precursor de divulgação da literatura internacional de onde se destaca, além da brasileira, a russa, a francesa e a italiana.

Calouste Gulbenkian. O projecto, pioneiro, levou o seu mentor ao Brasil e foi responsável pelos prêmios que lhe concederam nesse país. Com efeito, a 8 de Agosto de 1966, o Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo lhe atribuiu, na qualidade de responsável pelo Serviço de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian, a Medalha Cultural e Comemorativa por ocasião da trasladação dos despojos da Imperatriz Leopoldina do Convento de Santo António do Rio de Janeiro para o Panteão do Monumento da Independência na Colina do Ipiranga em São Paulo. Nesse mesmo mês e ano, no dia 11, o Presidente da República do Brasil lhe conferiu o grau de Comendador da Ordem de Rio Branco.

Na obra literária de Branquinho da Fonseca, o Brasil está presente episodicamente e quase sempre associado a um mundo idílico que abre aos indivíduos vastas perspectivas. No livro *Rio Turvo* (1945), o narrador aconselha Leonor a fugir do lugar hostil onde se encontrava: “Nunca pensou em ir para o Brasil? (...) Todos os portugueses pensam, pelo menos uma vez na vida, em ir para o Brasil. Quando digo *Brasil*, para si, quero dizer: grandes horizontes novos, caminhos novos...” (p. 76). Esse país surge também como espaço de refúgio revigorante na obra mais vezes traduzida, *O Barão*. Numa breve referência, o próprio Barão expõe a sua opinião altamente elogiosa sobre as mulheres brasileiras: “E o Barão falava do Brasil, das florestas do Amazonas, das brasileiras, as mulheres mais belas do mundo!” (p. 45).

A obra do escritor que nos acompanha foi publicada não só em Portugal como em outros países, nomeadamente França, Noruega, Espanha, Itália, Rússia, Estados Unidos da América, República Checa, Israel, França.... No Brasil, que já havia acolhido as publicações de seu pai, escapando, dessa forma, à onipresente censura salazarista, publicou algumas de suas obras. Obras que, também nesse país, têm despertado, ao longo dos tempos, o interesse dos investigadores. Nas universidades de São Paulo, Niterói e Araraquara foram apresentados e publicados trabalhos com base na produção literária do escritor, garantindo, desse modo, a *imortalidade* que só o interesse e a contínua divulgação podem perpetuar.

Continuidade seguramente garantida pela adaptação ao cinema de algumas de suas obras: *Rio Turvo* e *O Barão*, ambas realizadas por Edgar Pêra e com a direção de fotografia de Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira, neto do escritor. Mais recentemente, ao adaptar o conto “A Tragédia de D. Ramón”, sob o título de *Caminhos Magnéticos* – estreou no Brasil em 2018 e em Portugal, em 2019 – o realizador Edgar

Pêra convidou dois artistas brasileiros: Ney Matogrosso, para interpretar um ‘espírito’ chamado André, e a atriz Helena Ignez.

O Brasil também está presente no Prémio Branquinho da Fonseca - Expresso/Gulbenkian. Esse galardão foi criado para incentivar o aparecimento de jovens escritores que apresentem trabalhos inéditos em língua portuguesa, nas modalidades de literatura para a infância e para a juventude. Em 2007, foi atribuído às obras *O Menino Árvore*, da portuguesa Luísa Costa Cabral, e *O Dono da Festa*, do brasileiro Estevão Luís Bertoni e Silva.

3.2 O conto: “A Tragédia de D. Ramon”

O pequeno conto⁴, sobre o qual foi elaborado o itinerário, gira em torno do personagem que o intitula: D. Ramon.

D. Ramon, argentino, de Buenos Aires, viajou para a Europa como artista, como músico de uma orquestra de tangos, mas em Lisboa se casou e “ficou relojoeiro”, morrendo aos poucos de saudades de Buenos Aires. Como em muitos dos contos de Branquinho da Fonseca, também este argentino, “homem completamente dominado pelos outros” (FERREIRA, 2004, p.372), está condenado a “destinos misteriosos e imprescritíveis, a estranhas fatalidades” (MONTEIRO, 1938, p.28). Ao permitir o casamento de Catarina, filha pela qual sente mais empatia, toma consciência de que não a deu, mas a ‘vendeu’ ao noivo “cidadão que tinha subido do *nada*, com mixórdias nos negócios de vinho de Torres [...] até que, por fim, tomando de trespasse, no Poço do Bispo, um ‘ARMAZÉM DE VINHOS’” (FONSECA, 2010, p.377). O noivo, pretendente de longa data, tinha-a estimado em “contas certas como a uma pipa de vinho” (p. 377). Repleto de problemas de consciência, sai de casa: “precisava de sair dali, de ir para as ruas, caminhar, tomar ar, sabia lá o quê. Abandonar-se ao escoar da multidão que passa e parece que nos leva” (p.379). Vagabundeia toda a noite, alcoolizado, em estado de abandono pelas ruas de Lisboa onde pensa encontrar refúgio e se desvincula da esfera familiar que o oprime e inquieta. Poderemos considerar que este anti-herói encarna, em parte, o conceito de *flâneur* desenvolvido por Walter Benjamin, para quem “a cidade é o autêntico chão sagrado da *flaneurie*” (1994, p. 191) o espaço eleito das deambulações,

⁴ Na edição mais recente, a qual estamos a seguir, tem apenas 20 páginas.

onde se anda sem destino? Pensamos que sim. D. Ramon, solitário, perdido, angustiado, amargurado, “escorraçado de todos os lugares onde tenta procurar um pouco de calor humano que mitigue a angústia que o sufoca, [...] vai sendo consumido por todas as recusas, afastado de todos os encontros” (FERREIRA, 2004, p.73). A cidade nocturna e as ruas fragmentadas são a companhia deste personagem, indiferente e apátrida. É neste espaço de evasão, intimidante que se depara com as suas idiossincrasias e com os seus paradoxos, sentindo-se sozinho, anónimo no meio da turba que o digere. Vagueia penosamente solitário pela cidade, despersonalizando-se no meio da multidão. A exponencial frustração, condu-lo a um tempo desaparecido, à nostalgia de um passado glorioso, anterior à sua vinda para Lisboa: “Casa?...Qual...casa?! Mi casa...es en Buenos...Aires” (p. 388).

A nostalgia da casa faz com que a personagem procure espaços que na cidade lhe proporcionam o sonho da viagem de regresso, como, por exemplo, uma taberna «próxima do Arco-das-Portas-do-Mar, ali para os lados da Alfândega» (p. 387). No entanto, as “Portas do Mar” permanecerão fechadas para D. Ramon. Ele ficará sempre no cais, contemplando, como Álvaro de Campos, «um transatlântico que subia o rio» (p. 395), sem nunca dar o passo definitivo que conduzirá à viagem real. Apenas a viagem imaginária continuará a proporcionar-lhe a esperança de libertação de um espaço desumanizado e de uma vida estrangulada pela miséria económica e afectiva. (FERREIRA, 2004, p. 201).

3.3 Da cidade cosmopolita à cidade boémia...

Acompanhar a *noite* de D. Ramon, que sai de casa às vinte e uma horas e só regressa de manhã é, pois, viajar ao centro da capital, na “parte central e mais movimentada da cidade, a Baixa” (PROENÇA, 1924, p.195), e a uma “das mais concorridas artérias de Lisboa, o Chiado” (PROENÇA, 1924, p.218), saindo da Rua da Madalena, passando pela Rua do Ouro, Elevador de Santa Justa, Travessa da Queimada, descer ao Largo das Duas Igrejas (Igreja da Encarnação e Igreja do Loreto), Chiado, Arco das Portas do Mar, Doca da Alfândega e terminar na Rua da Madalena.

A Lisboa, noturna, acordada, buliçosa, desperta e viva, com um “aluvião de gente” (p.387), aqui retratada é uma urbe de contrastes. Desfrutamos de um ambiente urbano, unificada em torno do Chiado, “centro da elegância” (D’ÓRNELLAS, c.1955, p.98) “espécie de corso que constitui o prazo-dado dos janotas lisboetas e um dos centros mais

animados da vida da capital” (PROENÇA, 1924, p.218), transbordando de “ambiente burguês e endinheirado” com “gente perfumada nos fatos e suave nas maneiras” (p.387), “bem vestida, *feliz*” (p.387), cujos homens levam “lindas mulheres pelos braços” (p.387), onde se escutam “conversas amenas” sobre os atores e os filmes, dando a sensação de “um banho de calma e de verdadeiro bem-estar” (p.387). Nessa zona, uma dos mais importantes em termos de vivência burguesa, existem estabelecimentos comerciais de excelência, como, por exemplo, a ourivesaria Leitão, casas de moda, floristas, onde não faltam os cafés, como a Brasileira, local de tertúlias de intelectuais, pastelarias como a Marques, Bernard, Garrett, com “os seus chás elegantes” (PROENÇA, 1924, p.218), cinemas e teatros, onde vagueiam carros e táxis que “em filas cerradas, tocavam as buzinas apressados” (p.379).

No Largo das Duas Igrejas, coração do Chiado, D. Ramon “viu muita gente pelos passeios e os automóveis em filas pelo meio da multidão que desembocava das ruas: vinham a sair dos cinemas” (p.386/387).

O largo do Rossio, símbolo da cidade moderna e cosmopolita, está iluminado e os

anúncios luminosos dão tons bizarros aos locais mais centrais da cidade que a essa hora [noite] regurgita de multidão dirigindo-se aos teatros e cinemas ou aos cafés [...] onde há sempre uma viva animação, dando uma nota alacre à vida da Capital (RAMALHO, 1933, p. 20).

O elevador de Santa Justa anda num corropio a transportar os muitos notívagos que por lá pululam.

Por outro lado, existe uma cidade mais ‘decadente’, materializada na ruína da Igreja do Carmo e no trajeto para a Travessa da Queimada e desta para o Chiado, onde predomina um tipo de ambiente popular, boêmio, destacando-se a casa de pasto e a taberna, onde se canta o fado corrido. Com o avançar da noite e o esvaziar dos pipos, a hostilidade toma conta desses espaços, onde as brigas, ciúmes, facadas se tornam frequentes, podendo culminar em morte: “na rua, de repente, gritaram: ‘Socorro! Ai’, um ai estrangulado. Pareceu uma voz de mulher” (p.384).

Por fim, à hora “em que o céu tinha começado a clarear” (p.394) o conto nos permite acompanhar o ‘despertar’ de uma ‘outra’ cidade, junto ao estuário do Tejo “a grandiosa estação internacional das nossas transações comerciais” (RAMALHO, 1933, p.29). Damos a palavra a D. Ramon:

“estava nas docas. Por cima dos telhados dos barracões do cais viam-se os mastros dos paquetes e as chaminés. Só duma saía fumo. Os armazéns cinzentos ladeavam uma rua suja [...]. Foi indo até um largo onde estavam automóveis parados em fila. À volta dum quiosque, conversavam sete ou oito homens, *chauffeurs* e carregadores que fumavam e tomavam café” (p. 394).

Podemos vivenciar a vida do cais, centrada na Doca da Alfândega, “com o seu enorme movimento de mercadorias, e onde às vezes se reúne tal número de fragatas que os seus mastros formam um curioso matagal” (RAMALHO, 1933, p. 31):

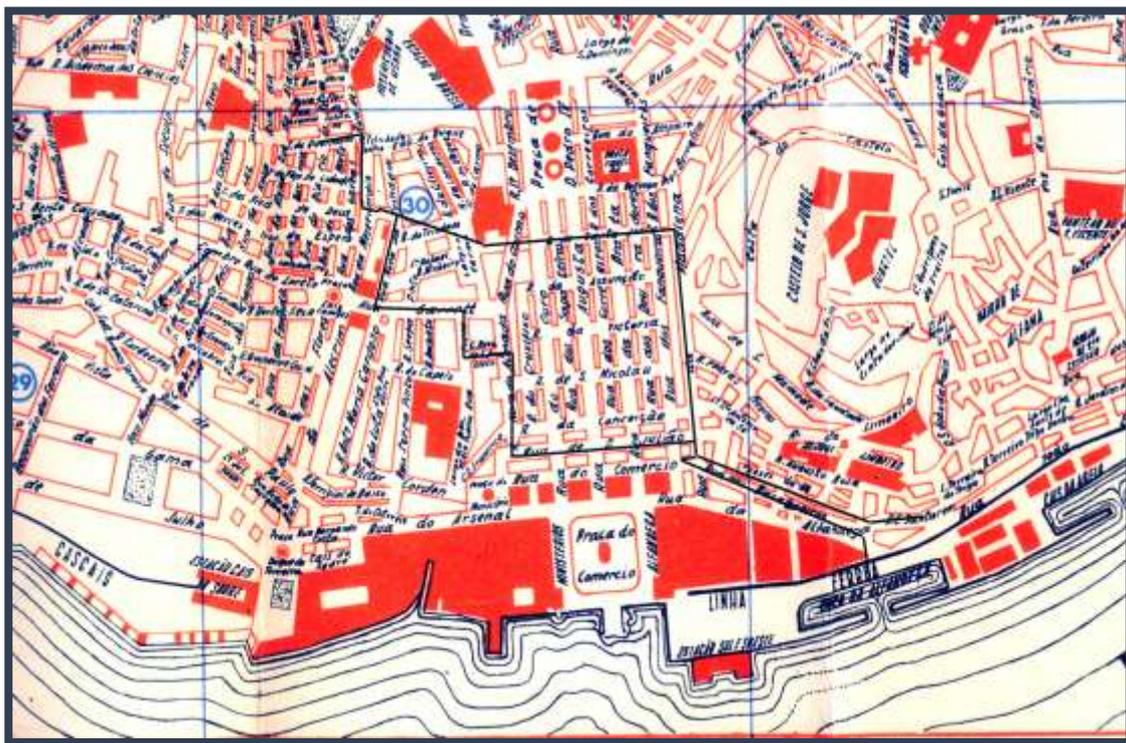
Tinha gostado sempre daquela vida agitada e romântica dos cais, donde sobre ondas e ventos, se vai e vem para todo o mundo. [...] Um longo gradeamento de ferro fazia a separação entre o cais, o armazém da Alfândega e aquela rua de barracões baixos e compridos. [...]E Lisboa, amanhece...” (RAMALHO, 1933, p.396).

O Sol surgiu no horizonte, como um disco em brasa. E o barco, lentamente, aproximava-se. Já havia manchas de sol na Outra – Banda, em Almada, nas casitas brancas espalhadas sobre as arribas altas, cortadas a pique sobre o rio” (RAMALHO, 1933, p.397).

3.4 O itinerário

O percurso elaborado a partir do Conto está identificada no mapa infra:

Figura 1 – Mapa: Planta da cidade de Lisboa



Fonte: ARAÚJO, s/d, s/p. (Itinerário assinalado a cor preta).

Por questões de espaço iremos, em seguida, apenas apresentar uns registos do itinerário.

1 - Iniciemos o trajeto na Rua da Madalena nº 42, local onde habita D. Ramón, argentino:

“com aquela cara parada de poeta romântico, o cabelo muito preto empastado sobre as orelhas, os olhos encovados na face lívida”. Habita e trabalha na mesma rua, onde, conserta relógios “na modesta loja escura da Rua da Madalena” (FONSECA, 2010, p.378).

2 - Acompanhemos D. Ramón que, após as bodas da filha, em sua casa, sente vontade de sair numa deambulação noturna que começa no coração de uma capital movimentada:

Eram nove da noite, a hora a que as ruas da cidade acordam por uns instantes, depois do jantar, quando começam os cinemas, os teatros, e se enchem os cafés.

Os eléctricos mal iluminados, passavam cheios de gente e os táxis, em filas cerradas, tocavam as buzinas, apressados. O elevador de Santa Justa, como um balão iluminado, subia e descia entre as fachadas escuras. Ramón caminhou para lá, atravessou a Rua do Ouro, abstracto

por entre os eléctricos e os automóveis. [...] Dirigia-se à bilheteira. E numa subida lenta começou a ver, em baixo, a cidade escura, com pontos de luz, as ruas direitas e mais adiante montes de telhados (FONSECA, 2010, p. 379 e 380).

3 - A digressão continua por uma zona igualmente importante da cidade, o Largo do Carmo:

E, em volta, montes de casas escuras. [...] meteu por uma ruela sombria, ao lado de uma velha igreja em ruínas [Igreja do Carmo]. E foi dar a uma praça com árvores, onde passavam sombras apressadas e uma sentinela andava no seu vaivém, em frente da porta de um quartel. Para estes sítios as ruas estavam tranquilas e desertas. (FONSECA, 2010, p.380)

4 - Quando chegou à Travessa da Queimada, olhou as janelas da casa do amigo André. (p.380) Depois de sair de casa do amigo, que quase o escorraçou, “Ramón deu a volta à esquina da rua e meteu por uma travessa estreita e sombria.” (p.383). Entrou numa casa de pasto ou taberna onde se cantava o fado corrido. “Ao fundo, o balcão e as pipas com letreiros: GINGINHA – ABAFADO – EDUARDINHO. Em cima dum pipo um prato com carne em sangue, enfeitada com salsa. (p.384)

Sentindo-se, mais uma vez, abandonado, no meio da multidão, desce até ao Chiado:

5 - “Quando chegou abaixo, ao Largo das Duas Igrejas, viu muita gente pelos passeios e os automóveis em fila pelo meio da multidão que desembocava das ruas: vinham a sair dos cinemas. [...] começou a descer o Chiado, sorvendo o aroma duma bela mulher que caminhava diante dele, pelo braço do marido [...] Quando reparou, viu-se sozinho numa rua estreita e escura” (FONSECA, 2010, p.387)

4. RIO DE JANEIRO: A “CIDADE MARAVILHOSA, CHEIA DE ENCANTOS MIL” IMORTALIZADA PELOS ESCRITORES PORTUGUESES

Desde o princípio do séc. XVI encontramos testemunhos do interesse dos portugueses pelo Brasil, nomeadamente, pelo Rio de Janeiro. Os relatos assumem gêneros variados que vão da crônica à reportagem, ao romance, à narrativa histórica, à poesia... uns são mais documentais, outros mais estéticos. Um traço que os une é o fato de todos contribuírem para construir um retrato da *cidade maravilhosa* eternizada pelas vozes de Caetano Veloso, Chico Buarque, Maria Bethânia ...

O encanto do cenário natural da baía da Guanabara, a “mais airosa e ampla baía que há em todo o Brasil” (ANCHIETA, 1933, p. 419) não deixou indiferente os primeiros enviados de Portugal a Terras de Vera Cruz e, ainda hoje, continua a nos encantar. A chegada de D. João VI, em 1808, ao Rio de Janeiro, tornada capital do Império, multiplicou as visitas e, concomitantemente, as descrições de “natureza insólita e grandiosa” (CASTILHO, 1855, p. 142), bem como de simpatia, afabilidade, cordialidade e alegria dos habitantes. No séc. XX, os depoimentos entusiastas proliferaram vincando, majoritariamente, tudo aquilo que nos une: “tradições, consciência histórica, formas espontâneas de comportamento, e a língua, a mais profunda das afinidades, a língua que traduz e condiciona um modo comum de configurar e de sentir” (COELHO, 1965, p.9). Tão relevantes são esses testemunhos que Jacinto do Prado Coelho vai organizar, quando das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro (1965), uma coletânea intitulada *O Rio de Janeiro na literatura portuguesa*.

Poderemos dizer, sem risco de exagero, que esses imensos relatos, retalhos de épocas, de paisagens, de usos e costumes, de mentalidades, são um permanente convite à viagem a essa “Terra que a todos seduz” e que nos remete imediatamente e como pano de fundo à sonoridade das vozes brasileiras.

4.1 O escritor Joaquim Leitão (1875-1956)

Jornalista, escritor, historiógrafo, tradutor, nascido no Porto, Joaquim Leitão, foi um monarquista convicto. Publicou uma extensa obra literária e colaborou em revistas portuguesas e brasileiras. Ocupou diversos cargos de relevo dos quais destacaremos os seguintes: sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa; diretor do Museu da Assembleia Nacional da Restauração; inspetor das Bibliotecas, Arquivos e Museus Municipais de Lisboa; diretor geral da Assembleia Nacional entre 1935 e 1945 e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. A ligação com o Brasil se fez, muito cedo, por meio das Letras. Foi, desde fim do séc. XIX, o correspondente em Lisboa do jornal *O Paiz*⁵, do Rio de Janeiro, dirigido por Quintino de Bocaiúva. O livro *Do Civismo e da arte no Brasil*, publicado em 1900, encontra-se organizado por capítulos. Ao longo

⁵ *O Paiz*, jornal diário, fundado pelo imigrante português João José dos Reis Júnior, vai ser publicado no Rio de Janeiro, de 1 de outubro de 1884 até a Revolução de 1930. Com Bocaiúva, o jornal influiu a sua orientação, tornando-se defensor do republicanismo. Estava sediado na Rua do Ouvidor, número 63.

das 350 páginas, o autor constrói um retrato bastante elogioso do país, admirando incansavelmente as paisagens e as virtudes e progressos dos seus habitantes. Dedicar 14 páginas (p. 104 a 118) à cidade do Rio de Janeiro, destacando a importância da Rua do Ouvidor, onde se situa a sede do jornal do qual é correspondente. São essas páginas que nos irão acompanhar.

4.2 A Rua do Ouvidor no início do séc. XX: a mais tradicional rua carioca

“Ela diz tudo, a Rua do Ouvidor – o bulício, a faina, o luxo, a alegria, a política, a agitação, a arte, o amor, o prazer e o espírito” (LEITÃO, 1900, p. 203).

“A rua do Ouvidor é o Chiado daqui” (CASTILHO, 1855, p.129).

Considerada, até 1900, como uma das ruas principais da cidade do Rio, comparada ao Chiado, em Lisboa, foi herdeira direta da ida da Corte portuguesa para o Brasil. A consequente liberdade de comércio e a abertura dos portos fez com que comerciantes nacionais e estrangeiros se fixassem na capital deste país. Muitos levaram a moda europeia para as lojas que abriram na Rua do Ouvidor⁶. Nela se situava, igualmente, a sede dos jornais mais importantes, bem como os cafés, confeitarias, casas de música e livrarias que atraíam uma elite intelectual ávida por notícias e profícua em debates animados. No séc. XX, a construção da Avenida Central, aberta ao público em 1905 - em 1912 com a morte do Barão do Rio Branco, Avenida Rio Branco - atraiu parcela relevante dessa sociedade elegante, ficando a Rua do Ouvidor apenas como a rua do comércio onde pululavam muitas lojas de pequena dimensão. Atualmente, mantém a característica de zona comercial abrigando, além de lojas diversas, livrarias, restaurantes, escritórios...

Eternizada por escritores e jornalistas brasileiros como Machado de Assis e Joaquim Manuel de Macedo atraiu, como referido anteriormente, a escrita de portugueses, de que é exemplo Joaquim Leitão, o autor que nos guiará nesta viagem.

4.3 O Itinerário

O percurso elaborado a partir do excerto está identificado no mapa abaixo:

⁶ O nome da rua se deve ao fato de para aí terem ido morar os Ouvidores, denominação dada aos magistrados no Brasil, enquanto possessão colonial portuguesa. Os ouvidores eram juizes nomeados pelos donatários das capitanias e posteriormente pelos Governadores Gerais e Vice-Reis.

Figura 2 – Mapa: Planta da cidade do Rio de Janeiro e subúrbios – GREINER, Ulrik – 190?



Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL), 190-?, s/p.

4.3.1 Itinerário assinalado a cor preta

O relato começa às 8 da manhã quando “o ‘bond’ transferiu para a cidade o arrabalde” (LEITÃO, 1900, p.197) e a “artéria está a essa hora, por assim dizer, despovoada” (LEITÃO, 1900, p.197). É então que chegam os trabalhadores/funcionários que abrirão lojas e escritórios começando a dar vida à rua.

Atentemos ao entusiasmo e fascínio com que o autor a descreve:

“[...] desfilam, num deslumbramento de montras, as casas de moda, os perfumistas, as camisarias, os *magasins* ciclistas, as charcutarias, os livreiros, as papelarias, os pasteleiros, as casas de fruta e as pastelarias, os cafés, as redações dos grandes jornais, - a moda, a iguaria, a ostentação, a arte, o bric-à-brac, a jóia.” (LEITÃO, 1900, p. 197)

A enumeração vem acompanhada de uma inventariação exaustiva das placas que nomeiam os estabelecimentos e dão ainda mais colorido à rua

(...) e, sem querer, como se a vista nos ficasse colada na tinta viva das letras monstruosas, vamos soletrando : *Hotel Petrópolis, Gazeta da Tarde, Café do Rio, Alfaiataria Vale, À la ville de Bruxelles, Livraria Laemmert, Dentista Americano, Café Globo, A Cidade do Rio, A Notícia, Mme Dreyfus, modista, Livraria Fauchon, Livraria Garnier, Raseur et Coiffeur, Gazeta de Notícias*, e depois, a par, os dois largos prédios do *País*, com o seu salão térreo para as exposições, dando a direita ao edifício do *Jornal do Comércio*, os dois colossos parecendo ter-se aproximado, para tacitamente provarem a tranquilidade da sua força (LEITÃO, 1900, p. 198).

Aproxima-se a hora de almoço e os restaurantes da Rua do Ouvidor e da Rua Primeiro de Março - antiga Rua Direita - animam-se “todos eles cheios, à cunha, com um tinir de pratos e fragor de vozes” (p. 198). Depois do almoço, visite-se a rua da Alfândega e da Quitanda onde “corretores e comissários de café conferenciam” (p. 198). Ruas também elas enxameadas de gente visto que “a pouco e pouco, de todas as ruas perpendiculares à do Ouvidor vai brotando mais gente” (p.199). “E, em breve, naquela Baixa, semelhante em traçado à de Lisboa [...]” (p. 199), nomeadamente na Rua do Ouvidor, é difícil andar: “uma onda de povo, em longa cauda, desfila, cruza-se, atravessa-se na nossa frente.” (p. 199). A chegada do vapor, neste caso, da Argentina, engrossa esse caudal acrescentando “manchas exóticas de vestuário caprichoso” (p. 201). Por todo o lado “marulham todos os idiomas” (p. 201) e é “assim todos os dias, durante todos os meses e estações ao ano: ruído, sorrisos, galanteios, aglomerações, bulício, exibição, ostentação, alegria, luxo” (p. 201). Depois do trabalho, os homens de negócios vão “tomar o seu *cocktail*, trincar a sua empada, sorver a delícia dum gelado, saborear a frescura dum Porto com sifão [...]” (p. 202). Ao fim da tarde estas artérias começam a despovoar-se, “toda a vida cessou” (p. 202). “Corre-se então para o bond” (p. 202) onde se acotovelam trabalhadores que anseiam pelo merecido descanso... Apenas um intervalo entre dias movimentados, que cedo, logo, logo, de madrugada, é justificadamente interrompido.

Outros, decerto os mais privilegiados, divertem-se na noite exultante.

“O centro desloca-se, então, para a praça da Constituição, anterior Rossio Grande, numa referência ao Largo do Rossio em Lisboa, atual Praça Tiradentes, donde nascem as ruas que amparam as casas de espectáculos. Como há frequentadores para tudo, o *Apolo*, o *Lucinda*, o *Santa Ana* funcionam às vezes simultaneamente, sem temer a concorrência do teatro *S. Pedro*, de ópera lírica.” (LEITÃO, 1900, p.203).

A multidão circula, num afã, por vezes acotovelando-se, para não perder os atores de eleição, a mulher galante...

“Entrando-se num teatro, numa *brasserie*, num velódromo, num restaurante, surpreende-se o mesmo aspecto nocturno, o duma cidade que se diverte ruidosamente, com a alegria de quem trabalhou muito durante o sol, de quem ganhou bem o seu dia e descansa e se distrai agora” (LEITÃO, 1900, p. 203).

O autor termina com uma constatação comparativa: “nada tem o Rio de Janeiro que invejar a Lisboa” (p. 204). A construção é idêntica e apesar de o Rio não ter uma avenida “para a fúnebre ostentação de janotas *ratés*” (p. 204), ostenta edifícios magníficos como a Bolsa, o Gabinete Português de Leitura e casas comerciais. “O Tejo? Sim. Mas a Baía do Guanabara, os pendores do Corcovado, as colinas de Santa Teresa e as montanhas da Tijuca curam a saudade que haja de qualquer parte do mundo” (LEITÃO, 1900, p. 204).

Depois desse extraordinário elogio ao Rio de Janeiro, quem não tem vontade de ir (re)conhecer? Quem não tem vontade de passar um dia na Rua do Ouvidor, voltar ao século passado, tentar descortinar os espaços e as respetivas funções, imaginar as vivências? É difícil resistir... e é igualmente difícil não parafrasear Onfray, para quem “Uma mera linha de um autor mesmo que mediano desperta mais o desejo pelo lugar descrito do que fotografias ou mesmo filmes, vídeos ou reportagens. Entre nós e o mundo, coloquemos prioritariamente as palavras” (ONFRAY, 2009, p. 25). Com efeito, as palavras são a bússola da liberdade da imaginação: percorrer horizontes (des)conhecidos como se gizássemos um caminho que só tendo lugar no nosso imaginário e no mapa da nossa iconografia mental, se pode tornar real.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

(Re)ver/ (re)ler /(re)criar duas cidades emblemáticas, quer para Portugal quer para o Brasil, na época em que ambas eram capitais dos respetivos países, por meio da literatura, faz-nos recuar no tempo com os olhos postos no presente. Partimos de um conto /ficção em que a cidade, Lisboa dos anos 30 do séc. XX, aparece como pano de fundo onde se desenrola a história que começa às 21h e termina ao clarear do dia, e de um excerto que nos dá conta do pulsar do coração do Rio de Janeiro, em 1900, cuja alvorada é às 8 da manhã e que acaba à noite. Estamos assim 24 horas a acompanhar o desenrolar de dois

espaços que já fizeram parte do mesmo país, pertenceram ao mesmo rei, apresentam um centro histórico com características urbanísticas semelhantes, falam a mesma língua e estão apenas apartados pelo Atlântico. A escrita, extraordinariamente descritiva em ambos os textos, é o azimute que nos guia nesses espaços labirínticos/ziguezagueantes de gentes, ocupações, vivências, gostos e apelos, possibilitando a redescoberta e revalorização das respetivas *urbes*, resgatando memórias.

Ao escrever o conto em análise, Branquinho da Fonseca, movendo-se entre o real e o fictício se transforma, involuntariamente, no nosso cicerone de viagem. Na Lisboa, noturna, de Branquinho, uma cidade de contrastes, vagueamos entre a elegância do Chiado e da Baixa e a boémia, algo decadente, do Bairro Alto. No Chiado e na Baixa onde, em um ambiente burguês, passeia gente perfumada e feliz, temos o movimento animado dos cafés, cinemas, teatros, carros, elétricos, táxis. Na zona do Bairro Alto, entre becos e vielas, refugia-se a Lisboa popular onde a vadiagem anda a par com a decadência de quem bebe para esquecer.

Joaquim Leitão não pretendeu descrever o Rio de Janeiro a partir do patrimônio construído ou natural, mas a partir da vida de suas ruas, dando particular ênfase à movimentação das pessoas que a frequentam. Desse modo, deambulamos entre a Rua do Ouvidor, lugar de compras e onde todos trabalham, e a Rua da Constituição para alguns, local de descontração após um intenso dia de trabalho. Os outros, os que não têm essa possibilidade, apanham o ‘bond’...

A relação que se estabelece entre autor - texto – espaço, descortinando o *invisível* mediado por um processo de reinterpretação, é determinante na modulação quase estratigráfica da cidade aos olhos do *turista-leitor* ou do *leitor-turista*. Poderíamos afirmar que é quase um palimpsesto que se reescreve com cada escritor, reescrevendo-se em cada leitura, criando um elo magnético, íntimo, pessoal e intransmissível entre quem escreve e quem lê, materializado na experiência única da fruição. Parafraseando o autor moçambicano Mia Couto “O escritor não é apenas aquele que escreve. É aquele que produz pensamento, aquele que é capaz de engravidar os outros de sentimento e de encantamento” (COUTO, 2005, p.60) Nós acrescentaríamos que o escritor é, outrossim, aquele que nos desperta a mais profunda curiosidade, seduzindo-nos irresistivelmente, para a intensidade da (re)descoberta em cada viagem.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Mota; OLIVEIRA, Luís Branquinho da Fonseca Soares de. Um passeio nocturno, em Lisboa, na companhia de D. Ramón. In Lousada, Maria Alexandre & Ambrósio, Vitor (Eds.). *Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Lisboa: Universidade de Lisboa., p.213 a 230, 2017.

ALMEIDA, Maria Mota; BRANQUINHO, L. (Coord.) *Os Caminhos d'O Conspirador* - e-Book, Marvão: C.M.de Marvão, 2018.

ALMEIDA, Maria Mota.; BRANQUINHO, L. (Re)visitar a Nazaré através do Mar Santo de Branquinho da Fonseca: Contributo para a renovação do turismo literário. In M. Santos, F. Serra, J. Santos e P. Águas (eds.), *Desenvolvimento e planeamento em turismo* (pp.207 – 223). Olhão: TMS Algarve 2013 – Tourism & management studies international conference, 2013.

ALMEIDA, Maria Mota. Viagens na minha serra: Percorrer a região do Caramulo na companhia de Branquinho da Fonseca. In R. Baleiro, S. Quinteiro & I. Santos (eds.), *Viagens, Relatos e Itinerários*, (pp.61-78). Arte, Literatura e História. Faro: Universidade do Algarve, 2016.

ALMEIDA, Maria Mota. António José Branquinho da Fonseca: a acção de um intelectual, in *Estudos Regianos*, Vila do Conde: CER, junho/dezembro 2018 – nº 24/25 (II série), p.91 a 114, 2018a.

ALMEIDA, Maria Mota. Viajar com Branquinho da Fonseca: a obra literária e fotográfica como recurso patrimonial para a valorização de um local. in Filipe, Graça, Vale, José & Castaño Inês (coord). *Patrimonialização e Sustentabilidade do Património: Reflexão e Prospectiva*, Lisboa: IHC- NOVA FCSH, p. 316 a 344, 2018b.

ALMEIDA, Maria Mota; ESCOBAR, S. *A criação poética da paisagem portuguesa em Carlos Queiroz*. Pedro Fidalgo. (Coord.). A Paisagem como problema: conhecer para proteger, gerir e ordenar - Colóquio Ibero Americano em estudos de Paisagem, Vol. IV, p. 201 a 212 - , IHC - FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018.

ANCHIETA, Padre José de. Informações da Província do Brasil – Rio de Janeiro, in *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões* do Padre Joseph de Anchieta, S.J.; das *Cartas Jesuíticas*, vol. III, Rio de Janeiro, p.419-420, 1933.

ARAÚJO, Noberto de; SOARES, Antonio. *Guia e Planta de Lisboa*, Lisboa: Livraria Portugália, s/d. [1943].

BALEIRO, Rita; QUINTEIRO, Sílvia; SANTOS, Isabel Dâmaso. (Eds.). *Literatura e turismo: Viagens, relatos e itinerários*. Faro: Universidade do Algarve, 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Eds. 70, 1988.

BENJAMIN, Walter . *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 3a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUTLER, Richard. Literary Tourism. In *Encyclopedie of Tourism* (p. 360). London/Nova York: Routledge, 2000.

CASTILHO, António Feliciano. Carta de A. F. Castilho a sua mulher datada de 12 de fevereiro de 1855, in *Cartas*, Vol. III, Lisboa, p. 142 -143, 1910.

CASTILHO, António Feliciano. Carta de A. F. Castilho a sua mulher e filhos datada de 15 e 16 de março de 1855, in *Cartas*, Vol. III, Lisboa, p. 129, 1910.

COELHO, Jacinto do Prado (org.). *O Rio de Janeiro na literatura portuguesa*. Lisboa: Edição da Comissão Nacional das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, 1965

COUTO, Mia. *Pensatempos*. Textos de opinião. 2. ed. Lisboa: Caminho, p. 59-63, 2005.

D'ORNELLAS, Carlos. *Manual do Viajante em Portugal - Lisboa e Arredores* – Lisboa: Gazeta dos Caminhos de Ferro (8ª ed.), 1955.

FERREIRA, Atónio Manuel. *Arte Maior: os contos de Branquinho da Fonseca*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2004.

FONSECA, António José Branquinho da. A Tragédia de D. Ramon, in *Caminhos Magnéticos*. Obras Completas I, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.

GREINER, Ulrik. *Planta da cidade do Rio de Janeiro e subúrbios*, Biblioteca Nacional (Brasil), 190? Disponível em: <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>, Acesso em: 10 abr. 2020

HERBERT, David. Literary Places, Tourism and the Heritage of Experience. In *Annals of Tourism Research* (vol. 28 -2 -, pp.312-333), 2001. Disponível em: <www.tlu.ee/~kpata/uusmeedia/literaryplaces> Acesso em: 10 abr. 2020.

LEITÃO, Isilda. Reflections on Writer House Museums and Foundations and Literay Tourism in Some European Countries and in Portugal 2016, *New Challenges Strategies and Trends in Tourism and Management: Proceedings of the TMS Algarve 2016 Conference*. Santos, J., Renda, A., Lanquar, R. & Dimitrov, P. (eds.). Algarve: Universidade do Algarve, Vol. 1. p. 221-240 19 p. (TMS Conference Series), 2016.

LEITÃO, Joaquim. *Do civismo e da Arte no Brasil*. 1ª ed. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso e Irmão. 1900. 349 p.

MONTEIRO, Adolfo Casais. Caminhos Magnéticos, contos de António Madeira, *Presença- Folha de Arte e Crítica*, novembro, Ano 11, vol.3, nº 53-54,1938. p.27-28

ONFRAY, Michel. *Teoria da Viagem - Uma Poética da Geografia*. Lisboa: Quetzal Editores, 2009.

PROENÇA, Raul. (coord.). *Guia de Portugal – Lisboa e Arredores - vol. I – Lisboa*, F.C.Gulbenkian [1924], (3ª reimpressão), 1991.

QUEIROZ, Ana Isabel; ALVES, Daniel. *Lisboa, Lugares da Literatura – História e geografia na narrativa de ficção do séc. XIX à actualidade*, Lisboa: Apenas Livros Lda, 2012.

QUEIROZ, Ana Isabel. (Coord.). *Lisboa nas narrativas. Olhares do exterior sobre a cidade antiga e contemporânea*. Lisboa, FCSH/NOVA, 2012.

QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita. (Eds.). *Lit & Tour – Ensaios sobre Literatura e Turismo*. V.N. Famalicão: Edições Húmus, 2014.

QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita. *Estudos em Literatura e Turismo – conceitos fundamentais*, Lisboa, Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras, 2017.

RAMALHO, Robélia de Sousa Lobo. (Coord.). *Guia de Portugal Artístico – Tomo I-Vol I*, Lisboa, M.C.R. 1933

ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Coleção Bibliothèque des Sciences Humaines. Paris: Gallimard, 1997.

Recebido em 29/04/2020.

Aceito em 19/12/2020.

Publicado em 30/04/2021